

**Apresentação-não apresentação.
Mediação-não mediação.
De talvez SIM
Roberto Corrêa dos Santos-Alberto Pucheu.¹**

André Monteiro

Desejar mediar e apresentar, com intensidade, Roberto Corrêa dos Santos-Alberto Pucheu é desejar, com o mesmo grau de intensidade, não apresentá-los, não mediá-los. Tal paradoxo se dá à medida em que tais nomes, tais signos, tais corpos, tais figuras, tais pessoas e *personae*, Alberto Pucheu-Roberto-Corrêa dos Santos, com seus contornos visíveis, audíveis, tocáveis e, de muitas maneiras, apreensíveis, guardam, também, na performance de seus singulares jeitos de fala, jeitos de escrita e jeitos de gestos, o grito e o silêncio de um rasgo vital incontornável, inaudível, ilegível, inapreensível. Roberto Corrêa dos Santos-Alberto Pucheu: nomes potentes porque mais-que-nomes. Nomes potentes porque quase-nomes. Nomes potentes porque nomes-acontecimento. E o real do acontecimento, como já nos ensinaram pensadores fortes, é paradoxal. Sua força política consiste justamente em produzir e provocar um desvio da *doxa* (uma *paradoxa* na doxa estacionada), um modo de arejar vícios e estereotípias aprisionadores de signos-vida. Um modo potente de atravessar e abandonar uma moral nomeadora, seu constante exercício de vigiar e punir (o nome do pai, o nome da lei, o nome da propriedade, o nome da finalidade). O real do acontecimento, em sua condição paradoxal, libera, em nós, tudo aquilo que, conosco, se cria, a um só tempo, no jogo teso entre a forma clara e seus escuros. A forma nomeadora operando, não contra, mas com, o que nela, é o seu fora, seu inefável, inevitável, mas real, in-forme. Por isso, é

¹ Texto falado-não falado no prólogo da Aula Inaugural do Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários, da UFJF, em 03 de outubro de 2012. A aula, intitulada *Dobras do Contemporâneo*, foi assinada por Alberto Pucheu e seu acontecimento contou com a participação luxuosa de Roberto Corrêa dos Santos.

preciso ter um enorme cuidado para, ao apresentar Alberto Pucheu-Roberto Corrêa dos Santos, não se deixar levar pela pobre tentação de querer representá-los, ou seja, falar, supostamente, em nome deles, ou falar deles como se deles se pudesse falar e pensar o já falado, o já pensado, o já falável, o já pensável. Obviamente, nenhum *currículum vitae*, inscrito, ou não, na órbita mercadológica padronizada das espécies e subespécies cognitariadas do *homo lattes* e afins, daria conta de fazer vibrar a energia que move as trajetórias de pensamento e escrita de Roberto Corrêa dos Santos-Alberto Pucheu. Não se está dizendo que listar suas obras e feitos, ditos artísticos e/ou acadêmicos, seria uma tarefa inteiramente destituída de vida a quem deseja deles se aproximar. O que se diz é que tal empreendimento, por si só, não alcançaria o nervo dessas trajetórias, marcadas por uma constante resistência a toda e qualquer camisa de força identificadora e identitária. Nesse caso, não deixa de haver uma assinatura no não assinado. Mas uma assinatura que se faz, paradoxalmente, plural e singular. Por vezes, quase anônima. Uma assinatura que não nos demanda, nem nos seduz, a procurar sua suposta origem, sua suposta escola, sua suposta filia disciplinar datável, muito menos ainda, sua suposta cartilha a ser por nós seguida em um futuro exemplar. Quando se entra em textos de Alberto Pucheu-Roberto Corrêa dos Santos, sejam os considerados poéticos, sejam os considerados ensaísticos, sejam os falados e performados em palestras, encontros acadêmicos, encontros não acadêmicos, percebe-se, neles, uma propositada e impura “zona de confraternização”, como quer Alberto Pucheu, entre o poético e o teórico, o poético e o filosófico, o filosófico e o ficcional, o teórico e o ficcional, o ensaístico e o literário, o literário e o não literário, o literário e o plástico, o plástico e o não plástico, a palavra e a não palavra, a fala e o silêncio, o silêncio e o grito. Zona de confraternização (de des-filiação, de desenraizamento) que podemos encontrar na “crítica em campo expandido” e

no “ensaio teórico-crítico-experimental” praticados por Roberto Corrêa dos Santos, e tão bem desdobrados e re-inventados por Alberto Pucheu em seu livro intitulado *Roberto Corrêa dos Santos: o poema contemporâneo enquanto o “ensaio teórico-crítico-experimental”*. Zona de confraternização que podemos encontrar na poética, tecida em “fronteira desguarnecida”, de Alberto Pucheu, e no seu propósito poético-crítico, e crítico-poético, de remover o complexo de vira lata presente em uma certa tradição crítica. Aquela que, diante da condição verdejante, tida como exclusiva da arte batizada enquanto tal, se intimida e se recolhe em ninho cinzento, como se a crítica de arte não pudesse ser, também vida, a falar, com arte, não da arte já dita e ditada, mas da arte que está, sempre, e em algum lugar, por ser feita. Como se o dizível da crítica não pudesse ser também, o indizível de um porvir. No ambiente impuro e refinado dessas zonas de confraternização, pratica-se um tipo de saber que, como diria Roberto Corrêa dos Santos, “não se faz por acúmulo, nem por sofreguidão”. Muito menos, por ausência de rigor. Mas o rigor, aqui, está longe de ser sinônimo de mera erudição (quantidade de livros supostamente lidos, catalogados, fichados, adorados). É o rigor da escuta da vida que se faz presença, uma vida que, rigorosamente, nunca pode estar de todo dita. Claro que se pode encontrar, nessas zonas de confraternização, uma filia, uma simpatia, com vários pensamentos e proposições textuais historicamente datáveis, mas tais pensamentos e tais proposições são nelas absorvidos e, amorosamente, esquecidos. Esquece-se o seu lugar comum para recordar o seu futuro inesperado, como no projeto do bom esquecimento de Nietzsche. Esquecer um saber é desarticular, criar com sua história mesma uma história outra. Roberto Corrêa dos Santos-Alberto Pucheu: pensadores que se movem no e pelo modo de “saber se outrar”, expressão precisa de Alberto Pucheu para definir um trabalho de Roberto Corrêa dos Santos e, a meu ver, definindo, também, o seu próprio pensar-

escrever-falar. Saber se outrar, não em busca de um outro já codificado, já outrado, mas, do outro que, conosco, em pleno devir, deseja fazer falar - no limite, na dobra da escrita e da fala - o grito e o silêncio do acontecimento de seu impossível, já que todo acontecimento é sempre o acontecimento de um impossível. Alberto Pucheu-Roberto Corrêa dos Santos: nomes-acontecimento. Pensadores impossíveis. Por isso, irrepresentáveis, não mediáveis. Por isso, pensadores i-mediatos. Por isso, pensadores entregues ao que, ainda não sendo, deseja nascer. Roberto Corrêa dos Santos escrevendo, re-escrevendo com Nietzsche: “O super-homem será/não o mais forte/não o mais duro/ não o mais livre/será/apenas/o extremamente entregue”. Roberto Corrêa dos Santos-Alberto Pucheu: nossos contemporâneos, nossos extemporâneos, se aceitarmos que os pensadores mais contemporâneos de uma época são justamente os mais extemporâneos de toda e qualquer época. Não porque fogem à época, mas porque dela incorporam e assumem o que qualquer “retrato de época”, com seus papéis adequados à esperável fatura de uma estante de época já dita, já ditada nas órbitas da moral mercadológica, seria incapaz de revelar. Resistem, os extemporâneos/contemporâneos, quando nos traçam, nos velhos signos, a força de um vírus saudável capaz de ser/permanecer, conosco, no que se é escuro, no que se é na velha, e sempre nova, “alegria dos que não sabem e descobrem”. Alberto Pucheu-Roberto Corrêa dos Santos. Teóricos? Poetas? Artistas? Críticos? Filósofos? Professores? Pensadores livres do século XXI? Se quiserem, eles podem ser tudo isso. Mas, principalmente, são muito mais do que isso, pois, com eles, todos os rótulos já sabidos se fazem saudáveis lugares descolonizados, deslocados a uma perigosa alegria. Talvez, por isso, como diria Roberto Corrêa dos Santos, falando com Roland Barthes, e Alberto Pucheu, falando com Roberto Corrêa dos Santos, não seja apropriado apresentar o Roberto Corrêa dos Santos, o Alberto Pucheu, mas, talvez, um talvez Roberto, um talvez Alberto, um talvez

Corrêa, um talvez Pucheu, um talvez de todos os Santos, já que o talvez, como diz um talvez Pucheu, “remete o leitor a mais um, +1, +1, +1...”. Talvez, aqui, quer dizer sim e sim e sim e sim... Porque esses 2, esses uns, esses muitos, muitos uns, são, talvez, nós...